



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Folkcomunicação e Ritual da Tucandeira Sateré-Mawé: Processos Comunicacionais dos Marginalizados no Festival do Boi-Bumbá de Parintins/AM¹

Josias Ferreira de Souza²

Renan Albuquerque³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo:

O presente estudo discorreu sobre Folkcomunicação e o Ritual da Tucandeira. Analisou o processo comunicacional atribuída ao ritual, identificando o papel que desempenha em contexto interno e externo à cultura. Mostrou o ato tradicional de transmitir experiências as novas gerações. A presente pesquisa desenvolveu-se na perspectiva Folkcomunicação, enfatizou os processos comunicacionais e etnográficos, pois, realizou uma descrição densa e detalhada do contexto social estudado. Portanto, o ritual da tucandeira pode mudar de lugar ou local, mas, não perde o sentido original, renova-se de acordo com o contexto onde está inserido.

Palavra-chave: Folkcomunicação; Tucandeira; Sateré-Mawé.

Introdução

O presente estudo discorre sobre folkcomunicação e o Ritual da Tucandeira (*Paraponema clavata*), em resposta à idealização do índio primitivo, veiculada na festa de Boi-Bumbá da cidade Parintins/AM, localizada a extremo leste da capital Manaus, Estado do Amazonas. Analisamos o processo comunicacional do Ritual da Tucandeira, procurando identificar o papel que a pessoa étnica desempenha em contexto interno e externo à cultura, e com isso ponderar em razão da correlação variante de saberes do branco e do étnico.

Primeiramente, cabe destacar que o povo Sateré-Mawé/AM, estabelecido na Terra Indígena Andirá-Marau, homologada no território de divisa do Amazonas com o Estado do Pará, possui formas particulares de comunicação, que o difere de demais povos indígenas da Amazônia brasileira, sobretudo no que tange ao Ritual da Tucandeira,

¹ Trabalho apresentado no GP Cultura, Meio Ambiente e Ancestralidade da XIX Conferência de Folkcomunicação.

² Mestrando do curso de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia do IFCH-UFAM, e-mail: 1.bftmnoph@gmail.com.

³ Orientador. Prof. Pós-Dr. Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ambientes Amazônicos. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação Universidade Federal do Amazonas.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

quando se mostram atos tradicionais de transmissão a novas gerações da trajetória histórica da etnia. Nessa ritualística, são asseguradas a prática da tradição e o entendimento dos ciclos da vida. Portanto, cabe afirmar que existem inúmeras formas de representá-lo e, assim, de início já tendemos a pleitear a desmitificação acerca dos mistérios Sateré-Mawé sobre o Ritual da Tucandeira.

Desmistificar, nesse sentido, nos encaminha para a ideia de objetivar e subjetivar, sob desígnios presentes, a pesquisa acadêmica sobre o ritual, sobremaneira desenvolvendo-a na perspectiva da teoria da folkcomunicação. A partir dessa intenção, intentamos enfatizar processos comunicacionais da cultura popular dos subalternos. Usamos o recurso etnográfico para dar base à proposta descritiva do estudo, realizando inferência contributiva e reflexiva sobre o ritual. Destacando indivíduos indígenas em seu contexto social e nas interações com outros demais atores que, a nosso ver, tendemos a estimular revelações sobre a identidade étnica Sateré-Mawé contextualizada ante o Ritual da Tucandeira.

Partimos do princípio de que o ritual pode mudar de lugar ou local, de protagonistas e coadjuvantes, sendo realizado na comunidade indígena ou em contexto urbano. Mas essa mudança, ou essas mudanças, melhor dizendo, não lhe caracteriza declínio de sentidos. A essência, que é comunicar, transmitir experiências a novas gerações, mantém-se e se revigora a cada execução do ritual. Na festa do Boi-Bumbá de Parintins/AM, porém, esse ato aparece de modo superficial e generalista, engendrado sob o prumo da midiaticização. Doutro modo, paralelo a festa folclórica, os Sateré-Mawé usam o ritual como manifestação sagrada, de reivindicação de direitos e afirmação da identidade étnica. Então, questiona-se: como compreender essa dualidade de vieses?

Partindo dessa pergunta, importa destacar que o processo comunicacional étnico existente no Ritual da Tucandeira implica em uma prática da cultura e da tradição Sateré-Mawé em diálogo constante com a sociedade envolvente. Longe de acabar, o Ritual da Tucandeira, hoje, recebe novas roupagens e maneiras diferentes de realização, mas sem escamotear seu sentido original. Ele reconforma-se e renova-se, de acordo com o contexto em que está inserido. No particular do Festival dos Bois, o diálogo intermodal da



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

ritualística indígena está interposto pela midiaticização de saberes e fazeres, os quais, para o aporte comunicacional de massa, sofrem influência constitutiva.

Folkcomunicação: processos comunicacionais dos grupos sociais

A comunicação tem caminhado desde sempre a partir do nascimento das formas de interação da humanidade. As sociedades, naturalmente não permanecendo isoladas, consolidaram meios de intercomunicações de modo permanente, possibilitando maneiras particulares de transmissão e troca de informações. A folkcomunicação, enquanto conceito, pode ser compreendida como vertente comunicacional que se dedica ao estudo “do processo de intercâmbio de informação e manifestações de opiniões, ideias, e atitudes de massa, através dos agentes e meio ligado ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 1967, apud BENJAMIN, 2008, p. 282).

Processos comunicacionais embasados no aporte *folk* são pensados mediante situações de vida de grupos excluídos, não participantes da cultura da elite dominante, ou elite hegemônica, e por isso considerados marginalizados, os quais desenvolveram modos próprios de comunicação. Em nosso caso de abordagem, povos originários ameríndios, incluindo os povos indígenas da Amazônia brasileira, possuem os próprios processos comunicacionais com sentido apenas em seu contexto social. “A cultura erudita é uma realidade imposta de cima para baixo – dos produtores para os consumidores – enquanto que a cultura popular é estruturada a partir de relações sociais no coração da sociedade” (BREGUÊS, 2002, p. 2).

Entre os universos comunicacionais que envolvem emissor e receptor há o agente *folk*, uma espécie de liderança consumada, que transita em duas realidades distintas e facilita a compreensão dos seus iguais ante os desiguais. Posiciona-se como intermediário, como diplomata, entre a cultura da elite dominante e a dos marginalizados, dado que tende a dominar ou margear dois tipos de linguagem: o da comunicação de massa e da cultura popular. “É ele responsável por traduzir as mensagens para uma linguagem popular característica, acessível a todos” (SOUZA e PEDROSA, 2012, p. 82).

Tratando do enfoque estabelecido, cremos que existem diferentes processos de comunicação criados entre os Sateré-Mawé. O primeiro relaciona-se ao guaraná como



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

origem do grupo étnico; em sequência, o ritual da tucandeira, a festividade da dança do *mãe-mãe* e o totem simbólico do porantim. “Beltrão vai se preocupar, principalmente, com os processos que esses homens criam e estabelecem para se comunicar, para transmitir seus valores, suas referências, seu conhecimento e seu sentimento” (SCHMIDT, 2004, apud SOUZA e PEDROSA, 2012, p. 80). Os três processos são baseados na oralidade, sendo a transmissão de informação realizada via narrativas conexas, nas quais a voz é o canal de comunicação e a língua materna o código. “É através da comunicação que as gerações mais velhas transmitem às gerações mais novas o seu acervo de experiências, os símbolos, as normas, os valores, os mitos” (BREGUÊS, 2002, p. 22).

A presente pesquisa, como apontamos, se importou em analisar o ritual da tucandeira tal e qual aporte comunicacional *folk*, interpretado como manifestação cultural que nasce da etnia e é constituída para a etnia. Logo, a trajetória história é repassada a novas gerações pelo contato mediado da música, acompanhado pela dança, ambos certificados por significados ocultos e sagrados. Mas, antes de passarmos para contextuais relacionados ao ritual, destaquemos quem são os Sateré-Mawé⁴.

Considerados os filhos do guaraná, sua origem tem relação com o surgimento da planta do guaraná. De acordo com Figueroa (2016, p. 61), “o relato de origem do guaraná, narra uma metamorfose que começa com um olho de uma criança e vai até a planta, como hipóstase do primeiro Sateré-Mawé”. Logo, a existência do grupo étnico tem íntima relação com a terra, pois, acreditam na força da natureza como fonte da vida. O povo Sateré-Mawé está localizado na terra indígena Andirá-Marau⁵/AM, as margens dos rios Andirá, Marau, Urupadi, Miriti e Uaicurapá. Nos limites das cidades de Parintins, Barreirinha e Maués. “A Terra Indígena do Andirá-Marau compreende atualmente uma área de 788. 528 há e perímetro de 477,7 km” (TEIXEIRA, 2005, p. 23). Este último foi construído em cima de uma comunidade Sateré-Mawé, recebe o nome dos antigos moradores.

⁴ Sateré-Mawé, o primeiro nome Sateré significa Lagarto de Fogo, termo que indica o clã, também, faz referência ao chefe político do povo, o segundo não é. Uggé (1991, p. 5) em seu livro as “Bonitas Histórias Sateré-Mawé”, descreveu o segundo nome como “papagaio falante”.

⁵ Andirá significa morcego; Marau significa um tipo de rã.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

A população indígena Sateré-Mawé após o contato, ainda mantém língua materna e práticas socioculturais, sendo também bilíngues. Os homens têm responsabilidades de providenciar alimentos e as mulheres o compromisso de cuidar de crianças e roçados. “Os homens atualmente são bilíngues, falando o Sateré-Mawé e o português, mas a maioria das mulheres, apesar dos 322 anos de contato com os brancos, só falam o Sateré-Mawé” (LORENZ, 1992, p. 11).

Folkcomunicação e o Ritual da Tucandeira

O ritual da tucandeira⁶ é uma manifestação cultural que coexiste com a fundamentação da realidade dos Sateré-Mawé para ambientes e simbolismos de confraternização e passagem. Dividido em três momentos distintos, o ritual, primeiramente, consiste na organização dos preparativos; no segundo momento, cantadores são convidados; no terceiro, é a festa em si. “O ritual evoca diretamente o domínio do fazer” (CASTRO, 2014, p. 45).

O resultado da festa apresenta a memorização de trajetórias históricas de luta, derrotas e conquistas. No paralelo a isso, configuram-se a preparação ao trabalho e o amor. Nessa preparação, a sonoridade se mostra. A festa da tucandeira é anunciada por um som alto, emitido por um bambu de 30 centímetros de comprimento e 7 centímetros de diâmetro, com orifício na parte de cima, medindo de 3 a 4 centímetros em uma das extremidades. Ele é semelhante a uma flauta, próximo a um formato de buzina e confeccionado artesanalmente pelos próprios moradores. O mesmo som, mas com entonação diferente, significa concentração, reflexão ou respeito aos participantes do ritual.

A composição da luva principia a partir de formigas tucandeiras coletadas na mata, transportadas no bambu. Elas são adormecidas na água de folhas de cajueiro pouco antes de iniciar o ritual (cerca de uma hora ou uma hora e meia). Rapidamente, minutos antes da primeira rodada de iniciação, as formigas colocadas nas luvas e atingidas por baforadas de cigarro de tauari, ficando agitadas e mais perigosas. As luvas são enfeitadas de penas e desenhos geométricos estampados nas duas faces, representando a estética da festa.

⁶ Festa que é de exclusividade do povo Sateré-Mawé, integra canto, dança e é cercado de espiritualidade.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Os candidatos, preparados há anos, antes do ritual, têm a mão pitada de preto com a tinta proveniente do fruto do jenipapo. Alguns também usam a tinta vermelha extraída do urucum. Revestidos com pintura corporal, expressam a identidade de um bravo guerreiro, destemido disposto a enfrentar experiências de dor e sofrimento. Após o cumprimento da tradição, “[...] meninos tornam-se homens – de extraordinária importância para o *ethos* Sateré-Mawé” (LORENZ, 1992, p. 44).

A organização fica por conta do tuxaua, anfitrião da festa e responsável pela alimentação dos participantes no decorrer dos dias. A base da comidaria é a farinha (chibé⁷), o sapó⁸, a própria formiga de tucandeira e comidas não remosas⁹. Os cantadores e os que coletam a formiga de tucandeira no mato são convidados um mês ou até um ano antes. O barracão onde se realiza o ritual é dividido ao meio por duas varas de madeira. Ao centro, são fixadas duas varetas finas, posicionadas para colocar as luvas de tucandeira. É proibido a passagem de pessoas por baixo do suporte onde são colocadas as luvas. O local é sagrado. Somente cantores e iniciados têm acesso.

Durante a festa, há envolvimento da comunidade indígena. Embalados pela emoção, é nítida a participação das crianças, jovens, adultos, incluindo idade e gênero. Incentivados na realização da prática tradicional, consolidada no fazer coletivo. Os organizadores, preparados pelo processo empírico, não fixam um padrão de participação, mas deixam livre o acesso a parentes indígenas. O gênero masculino prevalece no ritual. O ambiente é organizado para a provação da resistência física e mental de jovens. Eventualmente, mulheres participam. O ritual pode ocorrer anualmente ou através de iniciativas de famílias que têm pretensão de submeter os filhos às passagens. O uso mítico da luva não se configura como obrigação

No geral, acreditam os Sateré-Mawé que essa orientação ritualística auxilia na manutenção do corpo e da mente saudáveis, bem como na purificação do sangue (LORENZ, 1992). A manifestação cultural é coletiva. O movimento de parentes das pessoas ferradas por formigas tucandeira no ritual concentra uma disciplina que cria

⁷ Chibé – Farinha molhada usada nas festas, nos trabalhos coletivos na comunidade indígena.

⁸ Sapó – Bebida derivada do guaraná, utilizado nas festas, em reuniões e no dia-a-dia dos Sateré-Mawé.

⁹ Remoso – Alimentos impróprios para consumo, que poder fazer mal ou matar ao ser ingerido.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

asserções dinâmicas, ou melhor, ginásticas laborais primevas, emoldurando o ambiente para que saberes e fazeres transcorram de acordo com a tradição. Desviar do tradicional pode implicar em consequências a agrupamentos domésticos. Por isso, a família, unida, esforça-se na tentativa de oferecer o melhor. Indígenas independentes de idade, gênero ou função inserem-se na festa sagrada com o propósito de apoio, posto ter “[...] significação social de grande importância entre os Sateré-Mawé” (PEREIRA, 1954, p. 55).

O papel que a mulher exerce na festa é de fundamental importância e, também, contraditório. A figura feminina provoca instabilidades, dado que a formiga tucandeira é a própria mulher. Ela encanta o homem e o leva a colocar a mão nas luvas. Depois de ferrado, tem a missão de cuidá-lo nas próximas 24 horas após a cerimônia. Restrições de mulheres no ritual dependem de duas situações. Uma relaciona-se à menstruação e outra à gravidez. Participar do ritual da tucandeira representa reviver a trajetória histórica de ancestrais situados no paraíso denominado nosokén¹⁰. “O rito opera, assim, como uma integração comunitária” (MORIN, 2013, p. 44). Manifesta-se o desejo de voltar ao tempo em que eram todos protegidos pela mãe-terra. O ato ensina uma lição de vida. A pessoa participante entra em contato com o passado, com o tempo em que famílias viviam sem intromissões colonizadoras.

Apresenta-se o cenário de constantes lutas. Foram momentos em que a população indígena se engendrou em guerras internas e externas, em muitas investidas. Os Sateré-Mawé, nesses tempos, foram derrotados algumas vezes; noutras saíram vitoriosos, com ou sem aliados. A experiência adquirida nos confrontos trouxe o conceito de cultura inferior e superior. Descreve-se na ritualística o desafio após o contato com o homem branco, as mudanças de lugares, as mortes de parentes, as guerras entre clãs e a fuga ao centro da mata. O suplício das ferradas enfatiza a caminhada conduzida na diversidade de encontros e desencontros, na coragem e no medo, no nascimento e na morte, em futuros incertos, construídos e estabelecidos em terras distantes, que apropriados foram decisivos na proteção da vida, no cultivo da cultura e no uso da tradição. O ritual relembra

¹⁰ Nosokén, lugar denominado de paraíso, onde surgiu o primeiro chefe político o guaraná, morada dos ancestrais do povo Sateré-Mawé.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

a revelação da conquista de novos territórios, a prática da memória ensinada por ancestrais e a incorporação de técnicas usadas na realização de manifestações de crenças e atitudes.

A repetição da cerimônia festiva desperta no indivíduo o sentimento de pertença ao povo, aproxima-o de semelhantes, fortalece laços de solidariedade, muda comportamentos indiferentes e conecta as pessoas aos *ywania*¹¹ na energia criadora. “O elemento que unificaria os diferentes grupos seria a participação no ritual da tucandeira [waywat]¹² [...]” (ALVAREZ, 2009, p. 18). Ao aproximar parentes indígenas em um único propósito, manter a união para avançar na questão de melhorias ao povo, o ritual da tucandeira implica na continuação de mistérios cosmológicos ainda não decifrados, porém comuns na prática dos povos originários. Esses mistérios tornam a etnia interessante, original, tradicional, singular e com significados marcantes que prevalecem na história do Baixo Amazonas. “O ritual tem de ser analisado como um sistema de símbolos de comunicação construído culturalmente” (LEACH, 1966, apud LORENZ, 2009, p. 20). Porquanto, a história das populações indígenas, marcada pela transmissão oral, remete-nos ao fato de que os principais comunicadores da etnia possuem a experiência dos antigos, sendo que tuxauas considerados anciãos têm a missão de repassar conhecimentos concernentes à trajetória de lutas e resistências ante formas de opressão tais como invasão de terras, dizimação da população e exploração de recursos naturais.

O poder de criação e invenção, dentro de conceituais Sateré-Mawé, é atribuído ao homem. A figura masculina, segundo lendário da etnia, encontrou em dois tipos de canto uma maneira prática e fácil de socializar-se mediante a tradição. “No canto de exaltação lírica para o trabalho e o amor e nos cantos épicos ligados às guerras” (LORENZ, 1992, p. 44). São composições que, inspiradas em contextos reais e vivenciadas inclusive por minorias marginalizadas dentro de aldeias, representam força e resistência para o povo indígena do Andirá-Marau. A música e a dança são os meios utilizados para transmitir informações a fiéis participantes da cultura. As músicas têm valor inestimável na reprodução das informações, bem como na transmissão de histórias antigas. A música da

¹¹ Ywania é atribuída aos parentes, aos distintos clãs que constitui o povo.

¹² Waywat é o próprio ritual da tucandeira.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Tucandeira, cantada apenas na língua materna Sateré-Mawé, insere-se nesse âmbito. Ela é, no ritual, entoada, e em primeira instância indígenas bilíngues fazem traduções das narrativas para a língua portuguesa para algum não nativo, falante somente do português. As traduções nem sempre são fiéis ao ritual e ao contexto local dos indígenas Sateré-Mawé, pois adaptações em diferentes perspectivas configuram-se em processos de aproximação.

Folkcomunicação e o Ritual da Tucandeira na Festa do Boi-Bumbá¹³ de Parintins¹⁴

O ritual da tucandeira realizado fora da comunidade indígena, incorporado na festa de Boi-Bumbá de Parintins AM, mostra que a ideia “do índio como primitivo está muito viva e presente nas mais variadas manifestações discursivas dos brasileiros” (OLIVEIRA, 1999, p. 248). Logo, manifestações não têm ligação com a tradição indígena, fortalecendo a tradição popular de massa. Em uma nova dimensão, porém. Em outro plano, na tentativa de chamar atenção do público, utilizam-se expressões exageradas, mencionam-se etnias enquanto agrupamentos homogêneos, estáticos e inflexíveis. O uso de expressões alegóricas explica-se na própria manifestação folclórica, porque desta forma atinge o objetivo, que é fantasiar e criar o imaginário nas pessoas. Mensagens publicadas, às vezes, descontextualizadas, em muitos momentos não condizem com a realidade, pois “a tendência mais comum é de considerar lógico apenas o próprio sistema e atribuir aos demais um alto grau de irracionalismo” (LARAIA, 2001, p. 87).

Temas indígenas evidenciados em apresentações midiáticas inseridas no Festival Folclórico dos Bois de Parintins estão por um lado expandindo histórias indígenas para o Brasil. Todavia, trabalhando na caracterização de diferentes povos, artistas que confeccionam os bois pouco têm enquanto objetivo aprofundar questões ameríndias, pois

¹³ Festa do Boi-Bumbá, conhecido como Festival Folclórico de Parintins - AM, tem como principal protagonista o Boi Garantido que é representado pela cor vermelha e branca, Boi Caprichoso que é representado pela cor azul e branco, disputa que acontece anualmente, especialmente no município de Parintins AM, no mês de junho.

¹⁴ Parintins AM. “Sabe-se que a denominação da Cidade de Parintins vem dos índios Parintins ou Parintintins, antigos habitantes da serra deste nome. A cidade está situada à margem direita do rio Amazonas, nas extremidades oriental de uma ilha grande, que fora habitada pelos índios Tupinambás, Maués e Sapupés. Sua fundação deve-se ao súdito português José Pedro Cordovil, que em 1796, tomando posse do tratado de terra deu-lhe o nome de Tupinambarana...” (OCTAVIANO, 1967, apud LORENZ, 1992, p. 30).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

o superficial supre a necessidade da festa. Apesar de mostrar parte da realidade, o tema central do folclore do Boi-Bumbá de Parintins/AM intrinsecamente exalta a identidade genérica do índio. Diferente do significado sagrado, histórico e espiritual, que tem na comunidade indígena sua marcação, para a festa folclórica o indígena e sua identidade recebem valores imediatistas, que servem apenas nas horas de apresentação. O ritual da tucandeira, desenvolvido como manifestação popular, é computado apenas como item comum e necessário para pontuar na disputa, para tirar uma nota. Por seguinte, “as manifestações que antes diziam respeito à comunidade local, ao serem apropriadas pela grande mídia passam a ser uma festa de espetáculo para turista” (SOUZA E PEDROSA, 2012, p. 83).

Intrinsecamente, a divulgação pública no festival de símbolos Sateré-Mawé (e de demais etnias) poderia articular provas materiais e imateriais que forneceria atributos de uma identidade indígena particular amazônica. Ao contrário disso, insere no contexto da festa a ideia de um indígena romantizado, o bom selvagem, lança a ideologia de que o indígena é aquele que vive nas matas e florestas. O interesse é comunicar a existência de um povo ancestral que permanece vivo e em processo de emancipação, mas esse interesse esbarra em tendenciosidades midiáticas. Exemplo disso é quando, a saber, o evento relaciona músicas, danças e alegorias com representações de elementos culturais e ímpares do específico ritual da tucandeira, e ainda mostra a luva e a formiga, contando a pseudo-história de um povo indígena na perspectiva de índio primitivo. Esse propósito, por mais velado que seja, tem a intenção de agradar a elite dominante, a audiência higienizada e apostar na inovação cultural.

De outra maneira, o olhar folkcomunicacional, se bem agenciado, tenderia a captar a mensagem imemorial dos povos originários e transformá-la em produto imaterial comercializável sem mistificar a construção identitária de indígenas. Logo, o festival, que se apropria da cultura Sateré-Mawé (e de outras culturas) e vende uma imagem, um produto, mostrando as riquezas de conhecimentos tradicionais ainda a serem conhecidos em sua totalidade, poderia arregimentar aportes significativos da folkcomunicação para, em seus desígnios, fomentar reflexões aprofundadas sobre saberes e fazeres ameríndios. Fomentar-se-ia, também, o imaginário do folclore, desenvolvendo detalhes difundidos



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

pelos próprios indígenas. Seria um ato “tão importante quanto a técnica para a humanidade são a criação de um universo imaginário” (MORIN, 2012, p. 42). A contribuição que a festa granjearia para si resultaria na transmissão de uma identidade étnica de parte dos povos tradicionais da Amazônia. E ainda. O destaque das manifestações culturais relacionadas a questões indígenas teria um objetivo maior, comparando-se ao ideário midiático do presente, de mostrar povos indígenas munidos de história, costume, língua, crença e tradição.

Considerações finais

Compreender a história da população indígena requer um olhar sensível e destituído de preconceito e pensamentos estereotipados, saindo da magia construída pelo folclore na festa de Boi-Bumbá/AM e encontrando-se em uma análise profunda do sentido do ritual da tucandeira para os Sateré-Mawé. Em um contexto urbano, o povo Sateré-Mawé, paralelo ao espaço do folclore, apropria-se da divulgação da cultura indígena vinculada na mídia. Refazendo o conceito de índio primitivo, impondo-se como autor da própria história, dialogando com a sociedade ocidental. Ele assim se apropria (ou deveria apropriar-se). Sobretudo porque temos o exemplo da prática do ritual da tucandeira, que incorporou novos elementos: o tradicional passou a representar pautas de reivindicação por direitos, e trouxe “[...]os principais elementos do parentesco que modelam a estrutura social e servem de modelo para a política do grupo” (ALVAREZ, 2009, p. 36).

O protagonismo indígena do presente, na realidade, pode vir a consolidar-se por meio de diferentes experiências, assim cremos. E ponderar com parcimônia acerca da realidade dessas experiências, pautadas via novidades tecnológicas, inovações e da modernidade factual das coisas da vida, afirmando sua identidade étnica por meio do ritual da tucandeira, mostra que “o passado e o presente exercem um importante papel nesses eventos” (SILVA, 2007, p. 23). E mesmo que realizado em ambientes urbanos o ritual não perde a essência e o valor, pois traz a história de um povo em particular, enfatizando sua organização social, seus costumes, sua língua materna, suas crenças e tradições. O fortalecimento da identidade étnica Sateré-Mawé, por nossa afirmativa,



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

tende a fortalecer vivências dessa nação indígena. Atualmente, o ritual da tucandeira, longe de acabar, continua sendo praticado com uma nova roupagem.

Uma roupagem que considera, em alguma medida, processos comunicacionais impactados por intercâmbio de informações, uma constante nos grupos sociais. O povo Sateré-Mawé, dessa maneira, tem potencial para desenvolver (e já vem fazendo) formas próprias de comunicação, essenciais para transmitir experiências. Logo, se bem utilizado pelo boi-bumbá, o ritual da tucandeira transforma-se em importante elemento de divulgação da identidade Sateré-Mawé, porque imaginário e fantasia atendem a interesses da indústria cultural. Enfim, o ritual da tucandeira pode ser um dos processos comunicacionais desenvolvidos com o objetivo de transmitir, trocar informações e experiências entre pessoas do próprio grupo étnico ou outras culturas. O propósito é comunicar-se, tanto que fosse na representação da festa do boi-bumbá ou na comunidade indígena, propiciando a divulgação da identidade étnica Sateré-Mawé.

Referências Bibliográficas

ALVAREZ, GABRIEL O. **Satereria**. Tradição e Política Sateré-Mawé, Editora Valer, Manaus, 2009.

BENJAMIN, R. **Folkcomunicação**: proposta de Luiz Beltrão à contemporaneidade. Revista Latinoamericana de Ciências de la Comunicación, São Paulo, n. 8-9, 2008.

BREGUÊS. S. G. **Os estudos folkcomunicação hoje no Brasil**. /XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - CBCC/INTERCOM. Salvador/BA, 4 a 5, setembro de 2002.

CASTRO, E. V. **A inconstância da alma selvagem** – e outros ensaios de antropologia. Cosac Naify. São Paulo, 2014.

FIGUEROA. A.L.G. **Guaraná**, a máquina do tempo dos Sateré-Mawé. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas. v 1. n 1, p. 55-85. jan-abr. 2016.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito Antropológico. Rio de Janeiro. Jorge Zahar edições, 2001.

LORENZ, **Sônia**. **Sateré-Mawé**: Os filhos do Guaraná. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista – CTI, 1992.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

MELO, J. M. **FOLKCOMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL**: A comunicação dos marginalizados invade a aldeia global. V Bienal Iberoamericana de Comunicación. México, Campus Estado de México do Instituto Tecnológico de Monterrey, 19-22 de setembro de 2005.

MORIN, Edgar. **Método 5**: a humanidade da humanidade. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 309 p. 2012.

OLIVEIRA, J. P. **O efeito “túnel do tempo” e a suposta inautenticidade dos índios atuais**. Ensaio em Antropologia histórica. UFRJ, 1999. (p. 247-260)

PEREIRA, Nunes. **Os índios Maués**. RJ. ORG. Simões, 1954.

SOUZA, A. P; PEDROSA, A. P.C. A. **O paradigma da folkcomunicação**: Estudo de caso à luz da Teoria de Beltrão, Trigueiro e Hohlfeldt. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional. Ano 16, n. 16, p. 79-87, jan/dez, 2012.

TEIXEIRA, Pery. **Sateré-Mawé**. Retrato de um povo indígena. Relatório de Pesquisa. Manaus: Universidade Federal do Amazonas. 2005.

UGGÉ, Henrique. **As bonitas histórias Sateré-Mawé**. Manaus: SEDUC, 1991.

SILVA, T. T. **Identidade e Diferença**: uma perspectiva dos estudos culturais. Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2007.